



CULTURA VISUAL E FORMAÇÃO DOCENTE EM ARTES VISUAIS: CONSIDERAÇÕES INICIAIS

Jociele Lampert

Universidade do Estado de Santa Catarina – UDESC e ECA/USP

Resumo

Este texto apresenta um recorte de algumas questões discutidas em minha tese de Doutorado desenvolvida no Programa de Pós-Graduação em Artes Visuais, na Área de Concentração Teoria, Ensino e Aprendizagem da Arte, na Linha de Pesquisa Fundamentos do Ensino e Aprendizagem da Arte, da Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo. A pesquisa objetivou investigar aspectos que decorrem das inter-relações entre Artes Visuais, cultura visual e formação docente, que compreendem a prática educativa e a prática artística. A partir destes pontos de tensões, aponta-se a imagem da moda em confluência com o ensino de arte na prática do estágio curricular supervisionado, podendo sugerir e impulsionar formas de ensino e aprendizagem – autônomas e colaborativas na formação do artista/professor/pesquisador em Artes Visuais.

Palavras-Chave: Artes Visuais; cultura visual; Educação.

Um ponto observado entre os estudantes de Artes Visuais é a dificuldade na articulação entre construção poética e articulação pedagógica, ou seja, prática de ensino e produção artística. Há uma dificuldade recorrente entre teoria e prática discutida em cursos de licenciaturas que vem sendo historicamente registrada, porém, penso que no curso de Artes Visuais esta dicotomia é acentuada, quando, além da dificuldade em relacionar contextos (teóricos e práticos) oriundos de espaços educativos, também há uma incessante inquietação no lugar de *quem* ensina arte e de *quem* produz arte como um artista pesquisador.

Daí entende-se que uma das formas de possível interação ou saída para tal circunstância poderia estar em espaços curriculares que propusessem uma discussão (entendendo uma tessitura ou amálgama) para outra abordagem que se justifique pela pesquisa sobre os estudos visuais ou sobre o objeto da cultura visual.

A partir disto, refletir sobre eixos geradores (poéticos e educativos) que entrecruzassem a construção de um olhar descondicionado entre o artista/professor/pesquisador me pareceu o mais válido, como professora em um curso de Artes Visuais. Temáticas como a imagem em meio a discussões sobre moda, cidade, cinema, e imagens de produção artística que tivessem em seus discursos poéticos em tais representações visuais ou proposições pautadas na arte relacional, tornaram-se relevante para a construção de um pensamento visual articulado entre a esfera da criação poética e a esfera do processo educativo em Artes Visuais.

Daí entende-se os estudos visuais como uma abordagem transmetodológica onde se aborda em seu objeto a cultura visual. Derivando de teorias pós-estruturalistas, advindo dos Estudos Culturais os estudos visuais diferem-se de espaços como a Estética e a História da Arte, pois se centra em diferentes práticas de ver, ou em experiências relacionais/visuais que envolvem o regime escópico¹, tornando-se um pseudo-campo ou pseudo-disciplina voltada muito mais ao processo contextual de reflexão sobre a imagem do que somente seu contexto de produção ou recepção especificamente.

Por sua vez, a cultura visual foi entendida como um objeto aproximando a reflexão crítica, constituído de tudo o que pode ser visto ou sentido, ou que seja comunicado por meio de visualidades. Não somente reconhecendo as linguagens visuais (pintura, gravura, desenho, escultura, fotografia, história em quadrinhos, performances, procedimentos, artes gráficas, moda, design, propagandas, *web sites*, filmes, televisão, entre outras), mas também as entendendo como formas de produção cultural. A cultura visual tem uma chave sobre a produção, recepção, intenção, organização que pré-supõe considerarmos as visualidades em contextos de significado, ou seja, estudar o

¹ Ver Brea (2004), *cambio de régimen escópico: des inconiente óptico a la e-image*, disponível em: <http://www.estudiosvisuales.net/revista/index.htm>. Segundo Brea (2004), a episteme escópica seria a estrutura abstrata que determina o campo do que é cognoscível no território visual.

visual como uma reflexão cultural partindo do que seja real para a construção de repertórios e imaginários visuais para a produção de sentido do sujeito contemporâneo.

A cultura visual permeia redes transmetodológicas a partir de diversas áreas de conhecimento: antropologia, sociologia, filosofia e artes. Trata-se de considerar focos ideológicos, institucionais, sociais, políticos e econômicos como traços vinculados à produção cultural de determinado contexto.

A moda surge neste cruzamento como um sistema estético que organiza e articula expressividade: sendo a indumentária/roupa e o corpo como suporte, o elemento constituinte de uma visualidade passível de ser compreendida. Assim, podemos buscar entender significados sociais e culturais apresentados em atitudes, crenças e valores. A imagem da moda centra-se nesta pesquisa imbricada a discussão sobre o campo dos estudos cultural-visuais², que poderá apresentar diferentes e múltiplas camadas de significados culturais relacionados à cultura visual. Estas camadas são conjuntos de valores, de crenças e significados que nossos estudantes muitas vezes utilizam para dar sentido ao mundo em que vivem. Articular a educação à cultura visual poderá ser a conexão para religar o mundo social e o simbólico das representações e, assim, refletir criticamente sobre a compreensão da visualidade contemporânea.

A reflexão sobre a visualidade contemporânea deverá ser permeada pelas condições de visibilidade, assim educar *em* imagens e *sobre* imagens possibilita a percepção da experiência visual/relacional individual. A cultura visual relaciona-se com formas culturais, investigadas pela identidade/subjetividade, conceitos de cultura, de diferença e de representação social do indivíduo. A cultura contemporânea é uma cultura visual vivenciada pela imagem e suas relações sociais – dos locais de trabalho ao âmbito do lazer (cinema, televisão, jogos interativos e Internet), vive-se a cultura do que é visual, por meio, muitas vezes, de relações de socialidade virtual.

² Conforme Brea (2005), os estudos cultural-visuais configuram o cenário de aproximação transdisciplinar que potencializa a compreensão crítica da eficácia performativa na prática sociocultural da Arte.

Entendendo diferentes modos de olhar como construções culturais - nas quais cultivamos práticas sociais de representação e recepção (que perpassam ética/estética e política) -, é de relevância que os estudos visuais como campo acadêmico que referenciam a abordagem para os estudos da cultura visual tenham como fio condutor o olhar para a percepção do artista/professor/pesquisador, percebendo-se como sujeito contemporâneo, onde a cultura (conforme GEERTZ, 1990) não é uma realidade, ou algo que se possa atribuir de maneira casual acontecimentos sociais, modos de conduta, instituições ou processos sociais. Compreender a cultura supõe captar seu caráter sem reduzir suas particularidades. Assim, a cultura consiste em estruturas de significados, em virtude das quais os homens dão forma à sua experiência.

A imagem da moda surge como possível tessitura para os estudos visuais, especificamente como temática sobre a cultura visual. Assim, é passível de proposições sistematizadas ao redor de um dado objeto configurado como epistemológico. Desta forma, consolida um campo de saber poli-disciplinar. Talvez seja porque a moda tornou-se objeto reflexivo e comunicativo que possa ser tratada e pensada como linguagem, possível de ser incluída, ou articulada como fio condutor ao conteúdo mediado nos processos de ensino/ aprendizagem em arte, bem como do próprio processo de criação.

Conforme Ana Claudia de Oliveira (2005), na contemporaneidade a moda pode tornar-se um objeto/conceito problematizador. Passando pela forma que vemos a estética do cotidiano, o modo como nos vestimos todos os dias, à forma como é considerado o conceito 'do corpo' na sociedade; e lembrando ainda campanhas publicitárias, imagens de propagandas que literalmente nos atropelam todos os dias.

Despertar um olhar reflexivo e crítico que permita uma educação para a compreensão tem em uma de suas principais articulações a preocupação com a realidade pessoal, social e cultural onde o sujeito se insere. Isto pressupõe significação entre conteúdo e indivíduo. Assim, o estudo da cultura visual abordando a Arte como produção cultural, bem como proposições sobre temáticas relacionadas à moda e arte colaborativa, podem inferir estratégias

didáticas para a compreensão crítica no ensino de Arte. Seguindo o pensamento de Araújo (2005), pode-se perceber a Arte em um sentido educativo, como uma atividade humana consiste em que o indivíduo se manifeste plenamente capaz de intervir e observar seu contexto. Assim, o significado do termo cultura está submetido a um contínuo debate que implica uma realidade muito mais ampla do que a relacionada ao patrimônio artístico.

Se pensarmos o artista e sua obra, a poética enquanto relação de diálogo do processo criativo no fazer plástico e em correlação, pensarmos a questão do professor e suas articulações na ação pedagógica, certamente encontraremos um processo criador. Não é o processo de construção plástica, mas sim a poética do ato criador exercido no cotidiano da sala de aula, isto denota pensar o processo artístico paralelo às questões que permeiam o ensino da arte. Construir esta poética é tarefa árdua, é amarrar a área de conhecimento a implicações híbridas (imbricadas) no processo educacional. Refletir e questionar constantemente suas ações para ver-se um professor reflexivo e crítico poderia ser considerado um começo.

Levando-se em consideração que estas questões e tantas outras são trabalhadas nos cursos de formação, conforme Lampert (2005) é questionável o porquê ainda encontramos professores em escolas (muitas vezes recém formados) trabalhando de forma desconexa da realidade do aluno, sendo extremamente conteudista, aplicando provas, propondo atividades meramente pelo fazer técnico, e sem fim educacional nenhum ou por um mero valor cartesiano.

Penso em um curso de Licenciatura em Artes Visuais, onde se propõe uma organização curricular que não seja operada apenas na superfície, mas acerca da essência dos currículos e disciplinas, voltada a uma educação contemporânea para a formação do profissional que trabalhará com a produção e o ensino de Artes Visuais.

Na contemporaneidade, uma formação do artista/professor/pesquisador poderá estar em constante estado de pensar e refletir criticamente o contexto de tendências e processos globalizantes, onde, de maneira geral, valores sociais e educativos sofrem embates, questionamentos ou são pressionados pelos apelos do senso comum ou midiático.

Certo é que há uma cultura escolar e outra cultura acadêmica nos cursos de formação inicial. Em Artes Visuais as escolas insistem em práticas polivalentes e propostas que beiram o ‘modelo de como fazer’. Enquanto isso, na Universidade há uma abordagem político/teórica e poética que evidencia uma instauração criativa, pautada no exercício de constante ir e vir do pensamento visual; Entende-se que tanto o conteúdo que é construído e reconstruído em cursos de formação docente, quanto a parte subjetiva desse conteúdo deverá tangenciar um pensamento vislumbrado em rede, para dar margem a toda contextualização e formas diferentes de narrativas visuais investigadas em uma Graduação. Desta forma, seria uma abordagem sobre os estudos visuais ou estudos da cultura visual uma possibilidade ‘de entre meio’, ou fio condutor a elaborações conceituais e poéticas referenciadas por campos teóricos e poéticos em Artes Visuais.

Portanto, há, conforme Tavin (2009, p. 226), três definições para cultura visual que se entre cruzam e que devem ser consideradas:

- 1) uma condição cultural na qual a experiência humana é profundamente afetada por imagens, novas tecnologias do olhar e diversas práticas do ver, mostrar e retratar; 2) um conjunto inclusivo de imagens, objetos e aparatos; ou 3) um campo de estudo crítico que examina e interpreta díspares manifestações e experiências visuais em uma cultura.

É relevante esclarecer que alguns teóricos se utilizam da expressão ‘cultura visual’, outros ainda optam por empregar o termo ‘estudos da cultura visual’, e também há aqueles teóricos que se utilizam da nomenclatura ‘estudos visuais’. Empregado como um campo de estudo, não abstraído de conteúdo substancial e de condição histórica, ou na tentativa de desvincular formações visuais das culturais, a cultura visual, seja como projeto/objeto ou campo de abordagem transdisciplinar, também se torna um meio propício a embates epistemológicos.

De qualquer forma, independente do termo que seja usado (quer cultura visual, estudos da cultura visual ou estudos visuais), há uma temática que perpassa a maior parte da produção acadêmica, tanto no suporte teórico

quanto no aporte metodológico, é a temática da contextualização da visualidade na vida cotidiana. Não se trata de evidenciar uma cultura hegemônica e sim em desconstruir tal pensamento sedimentado por valores de certo ou errado. Entende-se que a escola poderá olhar para o contexto que abarca o que há de popular ao seu redor – sem fazer distinção do que é ou não arte.

Partindo do estímulo ao olhar para a visualidade cotidiana na contemporaneidade, aponta-se como viabilidade para desenvolver o pensamento visual, pautado em rede e conexão com o tempo de produção e recepção das artes visuais (entendendo o posicionamento do artista/professor/pesquisador), uma chave sobre a estética relacional.

Nesta pesquisa a cultura visual está margeada em meio à arte relacional, porque para estudar conceitos de cultura visual partiu-se da produção contemporânea em Artes Visuais e seus modos de socialidade. Entender processos colaborativos e interativos que eliminam a distinção entre o artista enquanto produtor e o espectador enquanto ‘consumidor’ foi a articulação inicial da pesquisa.

Quando aborda-se o conceito de arte relacional, ou seja, o conjunto de práticas artísticas que tomam como ponto de partida teórico e prático o grupo das relações humanas e seu contexto social (ao contrário de espaços autônomos e privativos), entende-se o conceito instaurado por Nicolas Bourriaud (2009) desde 1995 e publicado em 1998 no livro “Estética Relacional”. Compreende-se o conceito de estética relacional enquanto teoria estética que consiste em julgar as obras de arte em função das relações inter-humanas que estas figuram, produzem ou criam conforme o critério de coexistência, que não permitem mais ao espectador uma contemplação e sim a instauração de questionamentos em relação a si próprio.

Neste texto apenas aponta-se para a inter-relação da estética relacional como possível cruzamento na formação do artista/professor/pesquisador como um fio condutor para discutir a cultura visual.

Minhas reflexões e anseios vão ao encontro de uma educação crítica e inventiva, onde o professor é um artista e um pesquisador e para tal (não é

necessário ‘filiar-se’ a guetos, filosofias ou teorias) pode ver-se como um sujeito com autonomia para transgredir e subverter tais sistemas e apropriando-se de disparidades, convivendo com a diferença, entendendo um contexto de significados estéticos estipulados por vivências poéticas que podem ser confluentes no processo de ensino/aprendizagem.

Ao longo dos dois anos da coleta de dados para esta tese observei e participei do contexto desta Universidade e verifiquei que em algumas situações me pareceu muito mais válido e vigoroso o discurso teórico ou o posicionamento político (e suas implicações dentro da Instituição) do que de fato as ações que poderiam aproximar a comunidade da Universidade, ou ainda momentos em que a escola poderia ser, e deveria estar, inserida em planejamentos e sequer fora nomeada ou lembrada – me refiro especificamente aos trabalhos acadêmicos que são desenvolvidos nos Cursos de Artes Visuais –; porém tenho que salientar o contrário, o esforço de muitos do âmbito universitário em estar na Escola ou aproximar a comunidade das discussões e ações frente ao mundo contemporâneo.

Parece-me incoerente uma educação de artes visuais que não olha para a comunidade ou para a arte de forma a percebê-la como um interstício social e relacional de forma a buscar alternativas para entender o próprio entorno. Daí surge o espaço de estágios curriculares que possam de fato construir ações ou práticas de ensino que visam ser desdobradas pelos artistas/professores/pesquisadores em outros espaços curriculares, ou seja, para que ocorra de fato uma articulação é necessário tempo/espaço para compreender não somente a produção, recepção e os processos de mediação que estão amalgamados ao ensino das artes.

Espaços, como, por exemplo, a disciplina de Cultura Visual, onde o professor é inquirido a posicionar-se como artista/pesquisador, além de entender a sua poética de forma a interagir com um contexto que necessariamente abarcará o Outro e a mediação de seu dado projeto poético, serviram de *loca* para o desenvolvimento desta pesquisa.

Referências

- ARAÑO, Juan Carlos. Estructura del conocimiento artístico *In*: VIADEL, Ricardo Marín (org). **Investigación en educación artística**. Granada: Universidad de Granada, 2005.
- BOURRIAUD, Nicolas. **Estética Relacional**. São Paulo: Martins Fontes, 2009.
- _____. **Postproducción**. São Paulo: Martins Fontes, 2009.
- _____. Qu'est qu'un artiste (aujourd'hui). *In*: **Beaus Arts Magazine**, 2002.
- BREA, José Luis (org). **Estudios Visuales – epistemologia de la visualidad en la era de la globalizacion**. Madrid: Ediciones Akal, 2007.
- BREA, José Luis. **Cambio de régimen escópico: des inconscient óptico a la e-image** (2004). Disponível em: <http://www.estudiosvisuales.net/revista/index.htm>.
- GEERTZ, Clifford. **La interpretación de las culturas**. Barcelona: Gedisa, 1990.
- LAMPERT, Jocieles. A imagem da moda muito além da sociedade do espetáculo: proposições para a formação do professor em Artes Visuais. *In*: OLIVEIRA, Marilda de (org). **Artes, educação e cultura**. Santa Maria – RS: Editora da UFSM, 2007.
- _____. **Interface arte-moda: tecendo um olhar crítico-estético do professor de Artes Visuais**. Santa Maria: Dissertação de Mestrado em Educação – PPGE/Universidade Federal de Santa Maria, 2005.
- _____. Estágio supervisionado: andorilhando no caminho das Artes Visuais *In*: OLIVEIRA, Marilda O; HERNADEZ, Fernando (Orgs). **A formação do professor e o ensino das Artes Visuais**. SM: Editora UFSM, 2005.
- OLIVIERA, Ana Claudia de. Espaços-tempos (pós-) modernos ou na moda, os modos. *In*: GUINSBURG, J.; BARBOSA, Ana Mae (Orgs). **O pós-modernismo**. São Paulo: Perspectiva, 2005.
- OLIVEIRA, Marilda O; HERNADEZ, Fernando (Orgs). **A formação do professor e o ensino das Artes Visuais**. SM: Ed. UFSM, 2005.
- _____. (Org). **Artes, educação e cultura**. Santa Maria – RS: Editora da UFSM, 2007.
- _____. O papel da cultura visual na formação inicial em artes visuais. *In*: MARTINS, Raimundo; TOURINHO, Irene. (Orgs.) **Educação na cultura visual: narrativas de ensino e pesquisa**. Santa Maria – RS: Editora da UFSM, 2009.
- TAVIN, Kevin. “Contextualizando visualidade no cotidiano: problemas e possibilidade do ensino da cultura visual”. *In*: MARTINS, Raimundo; TOURINHO, Irene. (Orgs.) **Educação na cultura visual: narrativas de ensino e pesquisa**. Santa Maria – RS: Editora da UFSM, 2009.

Currículo resumido

Jociele Lampert

Doutoranda em Artes Visuais pela ECA/USP; Professora efetiva CEART/UDESC; Mestre em Educação pela UFSM (2005); Bacharel e Licenciada Desenho e Plástica pela UFSM (2003). Membro do Grupo de estudo e Pesquisa em Arte, Educação e Cultura (UFSM) e do Grupo de Pesquisa Arte e Educação (UDESC), ambos Diretório CNPq.
jocielelampert@uol.com.br